

## Construções hipotáticas oracionais aditivas de extensão

---

Extending additive hypotactic clausal constructions

Construcciones hipotáticas oracionales aditivas de extensión

### Ivo da Costa do Rosário

Universidade Federal Fluminense (UFF/Brasil)

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ/Brasil)

### Milena Silva dos Santos

Universidade Federal Fluminense (UFF/Brasil)

### RESUMO

Este artigo investiga as propriedades formais e funcionais das construções hipotáticas oracionais aditivas de extensão (CHOAE) instanciadas pelo conector *além de* e suas relações com construções aparentadas. A pesquisa fundamenta-se nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso. Os dados, extraídos do *Corpus do Português* e de outras fontes, em recorte sincrônico, são analisados pelo viés qualitativo e quantitativo. Os resultados demonstram que o conector *além de* é recrutado para diversas construções da língua portuguesa, desde usos mais concretos e espaciais até usos mais abstratos destinados à conexão de sintagmas e orações em língua portuguesa. Nessa grande gama de usos, as CHOAE revelam-se como construções que pertencem ao domínio da hipotaxe de extensão (em termos formais) e adjungem a noção de adição à ideia de “ultrapassamento” (em termos funcionais).

**PALAVRAS-CHAVE:** Adição; Hipotaxe; Extensão.

---

\* Sobre os autores ver página 64.



**ABSTRACT**

*This paper investigates the formal and functional properties of extending additive hypotactic clausal constructions (EAHCC) instantiated by the connector "além de" [besides] and its relationships with similar constructions. The research is based on the theoretical-methodological assumptions of Functional Usage-Based Linguistics. The data, extracted from "Corpus do Português" and other sources, in this synchrony, are analyzed by qualitative and quantitative perspectives. The results demonstrate that the connector "além de" [besides] is recruited for various constructions in Portuguese, from more concrete and spatial uses to more abstract uses in connection of phrases and clauses in Portuguese. In this wide range of uses, EAHCC prove to be constructions that belong to the domain of extension hypotaxis (in formal terms) and bring together the notion of addition and the idea of "overtaking" (in functional terms).*

**KEYWORDS:** Addition; Hipotaxis; Extension.

**RESUMEN**

*Este artículo investiga las propiedades formales y funcionales de las construcciones hipotáticas oracionales aditivas de extensión (CHOAE) instanciadas por el conector "além de" [además de] y sus relaciones con construcciones correspondientes. La pesquisa se basa en los supuestos teóricos-metodológicos de la Lingüística Funcional Centrada en el Uso. Los datos, extraídos del Corpus Português y otras fuentes, en recorte sincrónico, son analizados por el sesgo cualitativo y cuantitativo. Los resultados muestran que el conector "além de" [además de] también es reclutado para diversas construcciones de la lengua portuguesa, desde sus usos más concretos y espaciales hasta sus usos más abstractos destinados a la conexión de los sintagmas y oraciones en la lengua portuguesa. En esta amplia gama de usos, las CHOAE se resultan como construcciones que pertenecen al dominio de la hipotaxis de extensión (en términos formales) y adhieren a la noción de adición a la idea de "sobrepasamiento" (en términos funcionales).*

**PALABRAS-CLAVE:** Adición; Hipotaxis; Extensión.

## 1 Considerações iniciais

Este trabalho faz parte da agenda de investigações do CCO (Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações), com sede na Universidade Federal Fluminense. O objetivo central dos pesquisadores desse grupo é "investigar o papel dos conectivos na gramática do português e os diversos processos de conexão de orações, nas abordagens tanto sincrônica quanto diacrônica<sup>1</sup>", por meio de uma abordagem funcionalista da linguagem.

O foco deste artigo, que é uma parte dos trabalhos em desenvolvimento no CCO, é apresentar uma proposta de análise das construções oracionais instanciadas por *além de*, denominadas construções hipotáticas oracionais aditivas de extensão (doravante CHOAE). A investigação baseia-se nos pressupostos teórico-metodológicos da LFCU (Linguística

<sup>1</sup> <http://cco.sites.uff.br/>. Acesso em 27/12/2019.

Funcional Centrada no Uso), que é um dos desenvolvimentos mais recentes da Linguística Funcional de vertente norte-americana em parceria com a Gramática de Construções Baseada no Uso, nos termos de Croft (2009), Goldberg (1995, 2006), Rosário e Oliveira (2016), Traugott e Trousdale (2013) e outros. Além disso, utilizamos um breve aporte teórico da Gramática Discursivo-Funcional de Halliday (2004) no que diz respeito ao eixo lógico-semântico e eixo tático de integração de orações.

As orações aditivas instanciadas por *além de* são muito pouco estudadas em língua portuguesa. De fato, poucos trabalhos se debruçaram sobre o tema, como o estudo de Oliveira (2012) e a gramática de Azeredo (2018). Provavelmente isso se dá em razão de as hipotáticas aditivas apresentarem propriedades que divergem das atestadas nas canônicas orações coordenadas sindéticas aditivas introduzidas pela conjunção prototípica *e*, que normalmente são apresentadas em quaisquer gramáticas do português.

Analisamos as propriedades formais e funcionais das hipotáticas aditivas, que se distinguem claramente das canônicas coordenadas aditivas. De fato, a adição não está necessariamente ligada à ideia de coordenação ou parataxe como nos fazem supor as obras tradicionais. Ao contrário, a adição pode estar na coordenação, na correlação e na hipotaxe, conforme demonstram os estudos de Rosário (2009, 2016, 2018a, 2018b).

As construções oracionais introduzidas por *além de*, como ficará claro adiante, não se enquadram nas características das orações coordenadas, que são compreendidas como orações sintaticamente independentes entre si e que fazem parte da mesma categoria gramatical (BECHARA, 2015). De fato, não podemos atestar “independência sintática” em construções instanciadas por *além de*.

A hipotaxe é um processo no qual se estabelece um nível de interdependência entre cláusulas, marcado pela desigualdade de *status* entre os elementos ligados, isto é, a relação entre elas será dominante > dependente. A hipotática funciona como margem ou satélite de outra oração matriz ou central, bem diferente do que ocorre na relação de coigualdade típica da coordenação (cf. LANGACKER, 2008, p. 406-407).

Já a extensão, nos termos de Halliday (2004), caracteriza-se por delimitar a função lógico-semântica da construção: expandir o período, acrescentando-lhe uma nova informação para além do obrigatório ou central. Vejamos um primeiro dado da construção em análise:

- (1) Na morte, Deus oferece a cada pessoa uma última oportunidade de conversão, momento chamado de "purgatório". No entanto, ela pode se negar a aceitar os critérios superiores por Ele estabelecido. Ao agir assim, criaria para si uma situação degradante, o "inferno". Deus quer que todas as pessoas alcancem a plenitude, o "céu", que significa a comunhão plena e íntima com Ele. Dessa forma, o ser humano fica para sempre amparado no amor divino, numa felicidade total, **além de viver em comunhão com seus irmãos e irmãs** (Fonte: <https://exame.abril.com.br/estilo-de-vida/o-que-as-religoes-explicam-sobre-a-morte/>. Acesso em 27/12/2019).

Ratificando os pontos até aqui explorados, observa-se, em (1), que o *além de* não introduz oração com independência sintática, pois necessita de uma

ideia primária (informação presente na matriz) e, além disso, insere no texto um dado novo (no caso, ‘viver em comunhão com seus irmãos e irmãs’). Portanto, não se trata de uma estrutura típica de coordenação cuja marca central é a coigualdade.

Como já afirmado anteriormente, este trabalho de investigação justifica-se principalmente pela escassez de estudos teóricos e empíricos sobre o *além de*, apesar de sua recorrência em situações discursivas principalmente marcadas por alta argumentatividade.

Este artigo está organizado em sete seções. Nesta primeira parte, apresentamos o nosso objeto de pesquisa e o objetivo da investigação. Na seção seguinte, traçamos algumas considerações acerca da coordenação (no plano sintático) e da adição (no plano semântico), visto que são noções estreitamente relacionadas com o objeto desta pesquisa. Na seção 3, sintetizamos alguns pressupostos teórico-metodológicos que balizam esta investigação. Na seção seguinte, apresentamos a análise de dados propriamente dita, com foco nas CHOAE e em construções similares. Na seção 5, traçamos um breve estudo das projeções metafóricas que provavelmente ensejam o uso conector de *além de*, a partir de seu sentido-fonte decorrente da semântica espacial. Por fim, elencamos algumas considerações finais e arrolamos as referências bibliográficas.

## 2 Coordenação e adição

O estudo do período composto é a parte da gramática que aborda a articulação entre as orações. De uma forma geral, esse estudo bifurca-se em coordenação e subordinação, respectivamente compreendidas como relações de independência e de dependência entre orações (cf. ROSÁRIO, 2016, 2018a).

À luz do Funcionalismo, essa dicotomia vem sendo questionada há algum tempo, visto que nem todos os processos de articulação de orações se restringem a essa díade. De fato, pesquisas baseadas no uso têm demonstrado que os processos de ligação de orações são muito mais diversos e complexos (cf. HOPPER; TRAUGOTT, 1997).

Neves (2006, p. 226), por exemplo, pondera o fato de que “a investigação da língua em função implica a consideração de um caráter não discreto na organização de categorias”. Logo, o caráter inflexível da Tradição acaba não permitindo um estudo mais atento de construções oracionais menos canônicas, justamente por não considerar processos marginais e casos fronteiriços. Essa é, sem dúvida, uma das razões para a correlação aditiva e também a hipotaxe aditiva não serem devidamente contempladas nos compêndios tradicionais: são estruturas não prototípicas, que se afastam da coordenação canônica.

Inicialmente, é importante frisar que o critério-base que define as orações coordenadas (segundo a NGB) é o de independência, compreendida como estatuto autônomo. As conjunções mais básicas responsáveis pela ligação de orações coordenadas apresentadas pelas gramáticas são as seguintes: *e/nem* (aditiva), *mas* (adversativa), *ou* (alternativa).

Segundo Bechara (2003), as orações coordenadas são sintaticamente independentes entre si e se combinam para formar *grupos oracionais* ou *períodos compostos*. Além disso, outro critério importante nesse processo é o da posição.

Bechara (2003) explica que a posição das coordenadas é livre, exceto nos casos em que há uma sucessão lógica dos fatos, como também asserta Rocha Lima (1999).

Cunha e Cintra (2001) subdividem a coordenação em justaposta ou assindéticas – quando uma está paralela a outras sem nenhum elo conector – ou entrelaçadas por um elemento conector, as sindéticas. Em consenso com Bechara (1999), os autores defendem que as coordenadas são autônomas e independentes, no que refere às particularidades sintáticas.

Ficam claros, portanto, os princípios básicos da coordenação em geral, segundo a ótica dos gramáticos apresentados: independência sintática e posição flexível. No entanto, há outros aspectos que exprimem o processo aqui em observação. Castilho (2010), por exemplo, acrescenta que as coordenadas são marcadas por simetria semântica e impossibilidade de focalização, em razão do paralelismo.

Apesar de haver diferentes tipos de coordenação, sem dúvida, a coordenação aditiva é a mais central, de modo que coordenação e adição muitas vezes são conceitos tomados até mesmo de forma intercambiável (cf. ROSÁRIO, 2018a). A conjunção prototípica da coordenação aditiva é o “e” e sua forma negativa “nem”. Justamente pelo silêncio dos autores, somos levados a imaginar que essas são as duas únicas formas de adicionar elementos em língua portuguesa, inclusive devido à sua alta frequência e prototipicidade.

Por outro lado, Rosário (2018a, 2018b) demonstra que essa visão é equivocada, tendo em vista as muitas outras estratégias linguísticas disponíveis na língua portuguesa destinadas à função de adicionar. Essas estratégias ocupam o grande domínio da adição, com diferentes nuances de significado, indo de uma adição mais “pura” até as ideias de acréscimo, *crescendum*, inclusão de limites etc.

A propósito, Lenker (2010) aborda a adição *pura* e a *impura*, que é uma distinção bastante importante para este estudo. A *adição pura* configura somente a ideia da soma, sem outras noções adjungidas. Já a *adição impura* carrega outros conceitos, como temporalidade, finalidade, ênfase discursiva etc. Normalmente a gramática tradicional desconsidera esse segundo tipo de adição.

Em síntese, coordenação e adição, em geral, de fato, são conceitos normalmente muito próximos nos planos cognitivo e gramatical. Por outro lado, a adição pode se revestir de outros valores mais complexos que acarretam o seu afastamento da ideia central de coordenação, paralelismo, simetria. É nessa zona que o *além de* se situa.

### 3 Pressupostos teórico-metodológicos

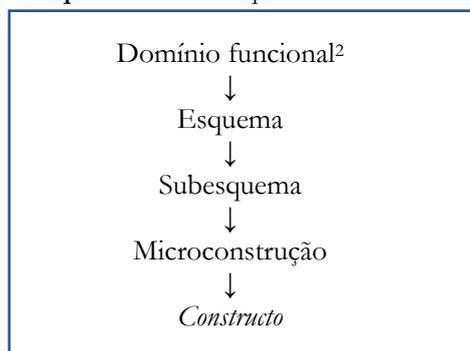
A principal base teórica deste artigo é a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), a qual resulta do “casamento teórico” entre a Linguística Funcional de vertente norte-americana (LF) e a Linguística Cognitiva (LC), especialmente na linha da Gramática de Construções (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2016). A LFCU considera que os fenômenos linguísticos espelham as nossas competências cognitivas e que a gramática é corporificada por meio do uso.

A LFCU considera que tanto aspectos formais quanto funcionais são importantes na descrição linguística. Assim, a análise dos fenômenos linguísticos considera tanto aspectos morfossintáticos quanto semântico-

pragmáticos. Com isso, buscamos uma análise mais holística da arquitetura da linguagem.

Os usos linguísticos efetivamente flagrados no discurso são considerados constructos ou ocorrências que, por sua vez, estão associados a níveis mais abstratos na mente dos falantes. Assim, a LFCU, apoiando-se na Gramática de Construções, postula que há uma hierarquia construcional, que se organiza da seguinte forma:

**Esquema 1** – Hierarquia construcional



Fonte: TEIXEIRA; ROSÁRIO (2016, p. 146).

Assim, a LFCU também se ocupa da descrição linguística em níveis de maior abstração, considerando que há instâncias linguísticas que são menos concretas que as flagradas no uso. Defendemos que as CHOAES estão abrigadas no amplo domínio funcional da CONEXÃO, que envolve todas as ligações sentenciais e intersenciais de uma determinada língua. Nesse nível mais abstrato e virtual, se incluem as coordenadas, as encaixadas, as correlatas, as hipotáticas, as justapostas etc. Desse nível até os constructos propriamente ditos, que são os dados detectados em *corpora* diversos, há outros níveis intermediários de organização linguística, que são os esquemas, os subesquemas e as microconstruções.

Um conceito muito caro ao Funcionalismo Clássico, ainda em voga na LFCU, é o de iconicidade, cuja ideia central é a de que existe um pareamento funcional entre o código linguístico e o seu *designatum*. Assim, de alguma maneira, aspectos da forma se refletem em aspectos do significado, o que vai de encontro com a tese da arbitrariedade do signo linguístico.

A iconicidade é decorrente da própria concepção de língua e de gramática defendida pela LFCU. Como rejeitamos a tese da autonomia da sintaxe, é natural que a pragmática seja considerada, já que a gramática sofre mutações e adaptações justamente em consequência dos fenômenos discursivos. Assim, compreendemos que a estrutura da língua emerge conforme

<sup>2</sup> Teixeira e Rosário (2016) propõem que o nível do DOMÍNIO FUNCIONAL integre a hierarquia construcional proposta por Traugott e Trousdale (2013). Assim dizem os autores: “O conceito de domínio funcional está na base do Funcionalismo Clássico, tendo sido usado, por exemplo, por Givón (1984, p. 20) e por Hopper (1991, p. 22) em uma acepção semelhante à que propomos neste trabalho. Domínios funcionais são grandes áreas como referência, caso, impessoalização, irrealis, tempo, modo, aspecto etc (TEIXEIRA; ROSÁRIO, 2016, p. 146).

é usada (BYBEE, 2010) e que uma análise real dos fenômenos linguísticos se embasa nas funções semântico-pragmáticas da linguagem.

Assim, a língua(gem) constitui-se como um grande esquema complexo de práticas comunicativas, cognitivas e sociais rigorosamente integradas a outros aspectos da psicologia humana (TOMASELLO, 1998). Portanto, não há modulação nem transformações do conhecimento linguístico, como propõem os gerativistas.

Esses pontos deixam claro que uma análise com dados inventados e não contextualizados pode ser infrutífera, pois não necessariamente espelha os usos linguísticos reais atestados nas práticas sociais discursivas. É por esse motivo que a LFCU sempre parte da análise de dados reais, ou seja, dados extraídos de *corpora*. Assim, podemos delinear mais adequadamente as motivações para determinado uso, por meio do gênero discursivo e do contexto em que ele se insere.

Além da base teórica, o caráter empírico é essencial para o estudo das construções em estudo, em viés simultaneamente quantitativo e qualitativo. Pela ótica qualitativa, observamos e interpretamos os dados um a um. Pelo viés quantitativo, por sua vez, separamos os dados sistematicamente, a fim de enumerá-los em termos absolutos (*tokens*) e percentuais, de acordo com os *types* averiguados, ou seja, a forma específica dentre as quais o objeto se apresenta.

Para esta pesquisa, optamos por realizar uma análise do conector *além de* pelo viés sincrônico, tomando como base o *Corpus do Português*, disponível em <http://www.corpusdoportugues.org/xp.asp>. Criado por Mark Davies, esse *corpus* congrega uma considerável quantidade de textos produzidos em língua portuguesa. No total, são 45 milhões de palavras, dos séculos XIII ao XX.

Na indicação dos dados, optamos por indicar o *site* de onde o constructo foi extraído. Assim, fica facilitada a busca do dado em seu contexto original, bem como o acesso ao texto na íntegra.

Metodologicamente, a pesquisa também está assentada em análises bibliográficas. Nesse ponto, deve ser destacado e reiterado que é escassa – quase nula – a presença da descrição do nosso objeto de estudo – o *além de* – nas gramáticas tradicionais. Azeredo (2018) é um dos poucos autores que chama a atenção para esse conector. Vejamos:

*Além de* estabelece a mesma relação expressa por *não só*, que se emprega combinado a ‘como/ mas também’. Portanto, o conteúdo que é foco de ‘além de’ é um dado supostamente compartilhado na interação, ao qual se soma a informação contida na oração principal (AZEREDO, 2018, p. 368-369).

Apesar de o autor apresentar essa informação sobre o *além de*, de fato, não há nenhum estudo mais aprofundado sobre o assunto em nossa tradição gramatical. Nas seções seguintes, também detalharemos esse aspecto da questão.

#### 4 Análise de dados

A coleta de dados foi realizada a partir da busca de *além de* no *Corpus do Português*. Com isso, foram encontrados 397 ocorrências desse conector em diversas instanciações reais de uso.

Em um primeiro momento, foi possível distribuir esses 397 dados em seis *types* ou microconstruções. Essa distribuição dos dados por frequência *type* e frequência *token* está indicada a seguir:

Tabela 1. Frequência *token* de cada *type*

<i>TYPES</i>	FREQUÊNCIA <i>TOKEN</i>	PORCENTAGEM
Além de (não oracional)	234	58,9%
Além de (oracional)	107	26,9%
Além de...também	20	5,03%
Além de...ainda	10	2,51%
Outros <i>types</i>	26	6,5%
Total	397	100%

Observamos que nem sempre o conector *além de* instancia construções oracionais, que é o foco deste estudo. Aliás esse uso corresponde a apenas 26,9% de todos os dados, o que equivale a aproximadamente  $\frac{1}{4}$  do total.

O uso mais frequente de *além de* se dá justamente na forma não oracional, integrando um sintagma adverbial de valor aditivo:

(2) No banquete oferecido por Afonso, serão servidos presunto cru, carnes variadas, tortas, pães, queijos, saladas, frutas frescas e secas, além de doces de frutas vermelhas (Fonte: <https://www.otvfoco.com.br/elenco-de-deus-salve-o-rei-comentacenas-do-banquete-dos-reis-veja-detalhes/> Acesso em 27/12/2019).

Em (2), vemos que “além de doces de frutas vermelhas” é uma informação acrescentada à informação anterior por meio do conector *além de*. Após citar diversos alimentos que serão servidos, há a adição (com foco) de uma informação específica. Esse dado ilustra com clareza uma das funções do *além de*, visto que esse destaque já não seria possível (no mínimo seria menos evidente) com o uso da conjunção coordenativa *e*.

Vejamos um dado de “*além de... ainda*”, que contou com 10 dados no *corpus*:

(3) A acusação não partiu da oposição. Quem está denunciando Abicalil é um petista. E outra petista, Serys, admite que, de fato, foi advertida da tramóia. Será que Ideli e a turma do PT não conseguem pensar num nome, digamos assim, menos polêmico para o cargo? Além de a articulação política ficar entregue a dois sem-voto, há de pesar ainda suspeita tão grave sobre aquele que a ministra quer como o seu principal auxiliar? (Fonte: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/o-pt-continua-a-bater-cabeca-agora-ideli-quer-como-seu-segundo-outro-nome-acusado-de->

[aco-es-alopradas-8230-ate-contra-uma-petista/](#) Acesso em 27/12/2019).

Esse uso atestado em (3) é distinto do *além de* em construções hipotáticas, já que o conector se realiza em um par, com duas partes descontínuas: *além de* e *ainda*. Esse fenômeno é típico do processo de correlação (cf. ROSÁRIO, 2018a, 2018b), que é um tópico igualmente quase ausente da tradição gramatical.

Os poucos gramáticos (alinhados à Tradição) que abordam o fenômeno da correlação defendem que a correlação aditiva se trata de uma parte da coordenação, em que há uma tentativa de enfatizar o elemento adicionado. Por outro lado, acreditamos que se trata de um processo distinto, tendo em vista fatores tanto formais quanto funcionais. Em termos formais, destacamos a presença de correladores (conectores descontínuos) e a interdependência sintática entre as orações. Em termos funcionais, destacamos o *crescendum* argumentativo da apódose, que é a segunda parte da correlação, instanciada pelo elemento *ainda*.

O dado (4) a seguir ilustra um uso bem semelhante a (3). Vejamos:

(4) Destaque negativo: Só achei ridícula a briga após o jogo. Não da parte dos brasileiros, que não fizeram absolutamente nada. Os argentinos que não souberam perder e apelaram para a confusão. Foram eliminados porque são bem ruins de bola. Isso sim. De quebra vi o baixinho Conca descendo a lenha no gringo. No final o Flu além de vencer na bola, venceu também na porrada (Fonte: <http://blogneto.com.br/> Acesso em 27/12/2019).

Em (4), também temos uma construção correlata. A oração em destaque apresenta informações acerca de conhecimentos prévios, já explícitos ou implícitos anteriormente no texto: vitória do jogo (“além de vencer na bola”). Em relação à oração matriz, o correlator “também” desempenha um papel de realce para a informação que vai ser dada em seguida, ou seja, “vencer na porrada”. Assim, a introdução do segundo correlator (o advérbio *também*) adiciona maior relevância à informação.

Além desses *types* apresentados, ainda há outros diversos que se apresentam como lexias complexas. Vejamos:

5) Para envolver o grupo de blogueiros parceiros no clima do Viva Positivamente, a Coca nos mandou um kit muito legal, com ecobag (a mais legal da minha coleção, até agora!), um caderninho estilizado com capinha de tecido, e um pendrive modernoso com informações sobre como a sustentabilidade está no dia a dia da indústria da Coca. Eu adorei a idéia. Além de tudo, é uma forma de me incentivar a falar mais sobre o assunto, que às vezes fica esquecido aqui no blog... (Fonte: <http://recemcasada.com.br/> Acesso em 27/12/2019).

(6) Renan, do Inter, fez dois milagres e o goleiro do Peñarol nenhuma defesa no primeiro tempo. Além do mais, o time

uruguaio fez seu gol no fim, marcado por Corujo, para alegria do estádio Centenário, com bom número de colorados em Montevideu.” (Fonte: <http://blogdojuca.uol.com.br/> Acesso em 27/12/2019).

As ocorrências de *além de* em (5) e (6) poderiam ser classificadas como não oracionais. Contudo, como são usos bem específicos e marcados, optamos por classificá-los à parte, especialmente pelo seu valor fortemente anafórico, visto que servem para encapsular boa parte da informação precedente para, em seguida, propulsionar o discurso.

Essa breve análise dos dados (2) a (6) serve para ilustrar a multifuncionalidade do conector *além de*, que é usado tanto em construções oracionais quanto em construções não oracionais, com diferentes nuances de ênfase argumentativa. Essa é uma agenda promissora de estudos. Por ora, vamos nos deter apenas nas construções oracionais, como já destacado nas considerações iniciais deste artigo.

Vejam agora alguns dados de nosso objeto de estudo propriamente dito:

(7) A maioria das escolas brasileiras ainda opta pela reprovação. Elenice Lobo, do Colégio Santo Américo, em São Paulo, acredita no modelo. “As consequências negativas da retenção não dão conta da realidade. Se o aluno é retido, ele tem defasagem de conteúdo. Apesar do desconforto nos primeiros dias de aula, ao longo do ano ele resgata aquilo que lhe faltava e tem um desempenho acadêmico melhor”, afirma. Para minimizar os efeitos colaterais, a escola investe na integração do reprovado com a nova classe, **além de esclarecer dúvidas com pais e pedir esforço redobrado ao professor.**” (Fonte: <https://veja.abril.com.br/educacao/reprovacao-nas-escolas-e-o-melhor-caminho/> Acesso em 27/12/2019).

O conector *além de*, na oração em destaque, não só serve de conector aditivo entre as duas cláusulas, como também exprime, dentro do texto, um fator argumentativo de polaridade positiva para defender que a escola possui o comprometimento de fazer o aluno reprovado se adequar àquela situação e tirar bom proveito dela. Assim, o conector *além de* introduz um argumento que irá marcar uma espécie de acréscimo ou extensão, como se fosse um “ultrapassamento” das ações da escola. Ou seja, esse uso de *além de* não é gratuito nem “neutro”. Tendo em vista que o ato de argumentar implica a intenção de o falante/escritor convencer, observamos que há uma estratégia para chamar a atenção do leitor e também convencê-lo de que a escola é eficiente e faz muito mais do que o essencial: ela excede o esperado.

Vimos, nas subseções anteriores, os traços básicos da coordenação. Cabe aqui evidenciar o porquê de não incluirmos as aditivas instanciadas por *além de* nesse rol. Uma das justificativas essenciais para a nossa defesa é a noção de *adição impura*. O conector *além de* não serve apenas de elo aditivo entre duas sentenças, pois há outros valores semânticos incorporados nele: ênfase, “ultrapassamento”, acréscimo.

Outro ponto que sustenta nossa defesa é o critério de (in)dependência sintática. As construções instanciadas por *além de*, sobretudo quando antepostas à construção com as quais se relacionam, não parecem ser autônomas, como pressupõe a Tradição no caso das aditivas em geral. Ao contrário, a oração introduzida por *além de* não exhibe a independência típica da coordenação, uma vez que possui relação semântica e sintática com a outra oração com a qual se relaciona. Vejamos mais um dado:

(8) **Além de embelezar o ambiente**, um jardim vira uma fonte de paz e inspiração para toda a família. Por isso, vale a pena montá-lo em qualquer canto, inclusive na sua janela. Aprenda qual flor é melhor para seu espaço e os cuidados que devem ser adotados para que elas floresçam lindas e fortes, seguindo as dicas do arquiteto Gustavo Curcio (Fonte: <https://mdemulher.abril.com.br/familia/transforme-sua-janela-em-um-jardim/>. Acesso em 27/12/2019).

Com este exemplo (8), podemos elencar pelo menos três pontos básicos que reforçam a tese de que não há independência entre as orações ligadas: a) ambas as orações são marcadas por uma mesma relação temporal; b) há correferencialidade tópica (já que a construção permeia os pontos positivos de se ter um jardim); c) a oração matriz complementa a sentença anterior, pois a oração introduzida por *além de* funciona como um suporte para a informação mais relevante a ser dada. Concluimos, então, que os aspectos semântico-sintáticos das construções introduzidas por *além de* definitivamente não se associam à coordenação.

De fato, as CHOAÉ não são estruturas de parataxe. Ao contrário, exibem traços de hipotaxe. Diferentemente da Tradição, a LFCU sistematiza o estudo do período composto em três níveis. São eles: parataxe, hipotaxe e encaixamento. A parataxe aproxima-se das coordenadas; a hipotática equivale,  *grosso modo*, às adverbiais; as encaixadas, por fim, referem-se às substantivas e relativas restritivas.

A hipotaxe, em termos de integração, fica entre a coordenação e a subordinação, estabelecendo, portanto, uma relação de adjunção. Assim, as hipotáticas não são totalmente integradas à matriz como as substantivas, em que um termo se encaixa explicitamente no outro, nem são “independentes” totalmente em termos sintáticos. Na hipotaxe, há, portanto, um grau intermediário de conexão entre oração A e oração B. Em outras palavras, as hipotáticas possuem certa dependência com a matriz. Vejamos mais um dado:

(9) A Oplash da M.A.C. é a máscara que mais uso no meu dia-a-dia. Ela alonga, define os cílios, dá aquela encorpada, **além de secar rápido**. Dura o dia inteeiro e para retirar é fácil, no banho já sai quase tudo (Fonte: <http://www.dasgurias.com/tag/maquiagem/>. Acesso em 27/12/2019).

Ao observar a construção em destaque, constatamos que a oração instanciada por *além de* exhibe certa dependência sintática em relação à oração anterior. Contudo, essa dependência não é como nas substantivas, em que a

integração é muito mais forte e “localizada”, perfazendo uma relação de constituência. De fato, a oração instanciada por *além de* não completa um termo específico da oração anterior (como acontece nas substantivas). Ao contrário, essa relação sintática se concretiza com toda a informação contida no texto, sendo mais “difusa”.

Ainda com base nesse dado, cuja natureza hipotática já foi explorada, é importante discutir seu traço de *extensão*. Na hipotaxe em geral, a modificação semântica é recorrente, como se pode observar nas temporais, causais, conformativas etc. Essas orações (chamadas subordinadas adverbiais na Tradição) cumprem o papel de “realçar” algum traço da oração matriz ou da cena enunciativa, como modo, tempo, causa, lugar etc. As orações com *além de*, por outro lado, não apresentam essa característica *stricto sensu*. Portanto, compreendemos que, nos termos de Halliday (2004), as orações que investigamos comportam-se mais propriamente como hipotáticas de extensão (e não de realce).

A oração destacada em (9) (“além de secar rápido”) não altera a construção com a qual se relaciona. Para elucidar melhor esse ponto, devemos entender a função discursiva do texto: inicialmente, o interlocutor apresenta uma máscara de cínios e, para convencer o leitor de que ele deve comprá-la, é feita uma enumeração dos argumentos que irão apresentar os pontos positivos do utensílio: o alongamento e “aquela encorpada”. Por último, é utilizada a construção com *além de*, a qual *estende* as funcionalidades do rímel, como se fosse um elemento em acréscimo, decisivo, adicional, extra. Assim, entendemos que essa sentença prolonga os argumentos, acrescenta uma informação com a intenção de convencer o leitor da qualidade do que está sendo comprado.

Para finalizar esta parte da discussão, também é relevante lembrarmos que a não modificação da matriz é um ponto básico das coordenadas aditivas e também das correlatas aditivas. Daí a justificativa para as construções com *além de*, na escala de Halliday, estarem mais próximas da parataxe, sendo possível traçarmos o seguinte gradiente:

Parataxe > **Hipotaxe de extensão** > Hipotaxe de realce > Encaixamento

Essa perspectiva de análise é fundamental para ratificarmos a multifuncionalidade e complexidade das aditivas. Na proposta de Hopper e Traugott (1997), já clássica no Funcionalismo, a hipotaxe é vista como um bloco no *continuum* de integração oracional. É verdade que os autores consideram cada processo (parataxe, hipotaxe e encaixamento) como “pontos de aglomeração”, e não propriamente processos autônomos e estanques. Por outro lado, o aporte teórico oferecido por Halliday (2004), apesar de espelhar outra vertente funcionalista, nos ajuda a refinar a proposta clássica de Hopper e Traugott (1997), já que é bastante evidente a distinção empírica entre hipotaxe de extensão (menos integrada) e hipotaxe de realce (mais integrada).

Dando prosseguimento à análise das CHOAE, atestamos que o verbo pertencente à oração introduzida pelo conector *além de* é usado sempre em sua forma não finita, no infinitivo (flexionado ou não). Vejamos:

(10) O relógio foi um presente da Swatch (tks!) que eu amei. Na foto ele ficou dourado (maquina maluca!), mas ele é rose. Desde que vi a minha Dr. na clinicaBeaux com um relógio rose fiquei fissurada por um. Ainda bem que a Swatch realizou o meu desejo! Além de ser da cor que eu queria ele é MEGA leve. Não suporto nada prendendo o meu pulso. A rasteira de caveirinha é da Andarella, fofa demais, né? Roubei do closet da minha mãe! O anel é um presente de formatura que ganhei da minha vovó. Foi o avó deu que deu para ela de presente na formatura dela. Quando eu formei ela me deu de presente. Muita emoção, né?  
(Fonte: <http://contigo.abril.com.br/blog/lala/category/blog-da-lala/> Acesso em 27/12/2019).

(11) “Maria Helena, que conversou com jornalistas na abertura do 13º Encontro Nacional de Relações com Investidores e Mercados de Capitais, promovido pelo Instituto Brasileiro de Relações com Investidores (Ibri) e pela Associação Brasileira das Companhias Abertas (Abrasca), afirmou que a medida visa a obter mais informações de como os ratings das empresas são concedidos, além de discutir os conflitos de interesses nessas operações. Segundo a executiva, a CVM não tem intenção de padronizar as metodologias das diversas agências para os ratings, mas quer que cada entidade divulgue a sua  
(Fonte: <https://veja.abril.com.br/economia/cvm-fara-audiencia-para-regular-agencias-de-rating/> Acesso em 27/12/2019).

(12) A melancia é um diurético natural. Além de ter vitaminas A, C, B1 e B2, auxilia o organismo a eliminar o líquido retido que causa o inchaço”, explica a nutricionista Gabriela Paschoal, da VP Consultoria Nutricional, de São Paulo (Fonte: <https://mdemulher.abril.com.br/dieta/a-dieta-da-melancia/> Acesso em 27/12/2019).

Em (10), a oração instanciada por *além de* comporta-se como uma espécie de suporte para a posterior, que será a de maior foco, com a informação que será, de fato, acrescentada. Nessa oração, há um informe que já era previamente conhecido, visto que o começo do texto já exprime a predileção da informante pela cor rosé. Logo após essa retomada, o argumento mais forte é apresentado: “Ele é MEGA leve”. Aqui há uma observação muito importante: quando a oração instanciada por *além de* (oração B) vem anteposta à oração base ou matriz (oração A), em geral, é A que recebe maior foco.

Já em (11), notamos uma diferença em relação a (10). A oração aditiva com *além de* está posposta. Diferentemente do que ocorre em (10), nessa construção, o *além de* introduz a informação nova, e não algo previamente indicado no texto. Embora isso seja verdade, essa construção em destaque não carrega a informação mais relevante do período, pois apenas acrescenta mais

um dado sem maiores intenções de ênfase. Esse aspecto confirma o teor diverso e multifuncional do nosso objeto de estudo. Dessa forma, à semelhança das adverbiais, as CHOAE são maleáveis e múltiplas em termos de uso, pois nem sempre focalizam ou apresentam dado novo. Sem dúvida, serão necessários novos estudos de modo a investigarmos que fatores propiciam uma ou uma interpretação semântico-pragmática.

Por último, em (12), ocorre um fenômeno similar ao que ocorreu em (10), mas com diferentes minúcias. A informação “Além de ter vitaminas A, C, B1 e B2” é uma nova informação. Assim, a primeira frase apresenta uma ideia central. Para legitimá-la, dois argumentos são apresentados dentro da construção complexa constituída pelo *além de*, o qual carrega uma informação nova e também prepara para o argumento mais forte: “auxilia o organismo a eliminar o líquido retido que causa o inchaço.”

Por meio da análise de dados, verificamos que as CHOAE apresentam a principal função de ampliar a informação, servindo, portanto, como um ótimo recurso de argumentação. Entendemos que *além de* não apenas serve de elo entre duas construções, mas também colabora na manutenção da coesão do texto, elencando os argumentos que são assumidos pelo autor como os mais relevantes, ou ainda instância uma informação já prévia para, logo depois, apresentar o argumento mais forte.

Muitos estudiosos chamam a atenção para essa característica argumentativa dos conectores. Montolio (2001, p. 137-147), por exemplo, discorre acerca dos conectores de caráter aditivo. A autora elenca alguns aspectos semântico-funcionais desses elementos linguísticos, bem como explora o seu caráter organizacional na elaboração da informação discursiva e o seu papel no segmento da mesma linha temática dos elementos que antecedem as construções de adição.

## 5 Sobre a polissemia do conector *além de*

Já desde o Funcionalismo Clássico, sabemos que as palavras migram de uma categoria para a outra. Ao longo de muitos anos, esse fenômeno foi estudado no âmbito dos processos de gramaticalização, que previa mudanças unidirecionais do léxico para a gramática ou de uma natureza menos gramatical para mais gramatical.

O avanço das pesquisas linguísticas permitiu a compreensão de que esses processos dinâmicos de mudança ocorrem por meio de mecanismos cognitivos que estão presentes na mente humana e que são característicos não só da linguagem, mas de todo nosso comportamento.

Esses processos de mudança, portanto, passaram a ser vistos, em muitos casos, como mapeamentos icônicos entre domínio-fonte e domínio-alvo, por meio de projeções metafóricas. O recrutamento de *além de* como conector aditivo pode ser explicado por essa via. Vejamos os dados a seguir, extraídos de fontes diversas:

(13) O governo também concedeu uma licença para a exploração de petróleo no ‘Bloco 137’, que fica ao norte do ‘Bloco 135’, o qual incide diretamente sobre a terra dos Matsés. Apesar da grande pressão da companhia, a tribo resiste firmemente contra as atividades

da petroleira em sua floresta. Os efeitos do trabalho do petróleo também poderão ser sentidos para além da fronteira do Brasil, no Vale do Javari, lar de várias outras tribos isoladas, onde os testes sísmicos bem como a construção de poços ameaçam poluir as nascentes de vários rios dos quais dependem essas tribos (Fonte: <https://www.survivalbrasil.org/ultimas-noticias/9031> Acesso em 27/12/2019).

(14) Educar as pessoas para a vida é um processo que está muito além dos muros da escola. Mais do que ensinar os conteúdos curriculares, é preciso inserir os jovens em um ambiente urbano adequado para que se desenvolvam e estabeleçam seus próprios valores (Fonte: <https://www.institutonetclaroembratel.org.br/educacao/nossas-novidades/noticias/aprendizagem-muito-alem-dos-muros-da-escola/> Acesso em 27/12/2019).

(15) Não consigo ir além do teu olhar / Tudo o que eu consigo é imaginar / A riqueza que existe dentro de você / O ouro eu consigo só admirar / Mas te olhando eu posso a Deus adorar / Sua alma é um bem que nunca envelhecerá (Fonte: <https://www.letras.mus.br/anderson-freire/raridade/> Acesso em 27/12/2019).

(16) “Serão apresentados de seguida os valores correspondentes à classificação de avaliação de risco (baixo, moderado e elevado) efectuada pelo técnico (agente policial) nos quatro parâmetros: Risco iminente nos próximos dois meses, risco a longo prazo para além dos dois meses, risco de extrema violência ou morte e risco de intensificação da violência (Fonte: [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0870-82312010000100013](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0870-82312010000100013) Acesso em 27/12/2019).

(17) Nesse mesmo portal, é possível consultar os locais de atendimento das unidades defensoras de suas cidades e aquelas que possuem convênio com a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil). Além de exigir um advogado sem precisar gastar, você tem a opção de pedir esclarecimentos a profissionais que trabalham utilizando a internet (Fonte: <https://blogcamp.com.br/consulte-um-advogado-online> Acesso em 27/12/2019).

Os dados (13) a (17), coletados em fontes diversas, espelham os múltiplos usos de *além de* na língua em uso. De certa forma, representam possíveis fases do percurso histórico sofrido por essa construção gramatical na língua portuguesa, o que naturalmente só poderia ser comprovado definitivamente, de forma empírica, por meio de pesquisa histórica.

Em (13), vemos um raro uso de *além de* com sua semântica espacial concreta preservada. O trecho “para além da fronteira do Brasil, no Vale do Jariri” especifica um referente no espaço, situando-o de uma forma concreta. Nesse dado, *além de* significa “mais adiante”, “mais à frente”, em uma interpretação fortemente localista.

Em (14), “além dos muros da escola” assume interpretação ambígua, visto que tanto pode expressar uma interpretação mais concreta, de base localista, como também pode ter um uso mais metafórico, no sentido de que “além dos muros da escola” significa, conforme o próprio texto aponta, “educar as pessoas para a vida”. Vale destacar que são esses contextos ambíguos os maiores responsáveis pelo processo de mudança linguística.

Em (15), “além do teu olhar” já não permite uma interpretação espacial concreta *stricto sensu*. A própria linguagem metafórica da canção (de onde o dado é extraído) permite uma interpretação mais abstrata do dado. “Ir além do olhar” significa extrapolar limites, alcançar uma realidade menos imediata...

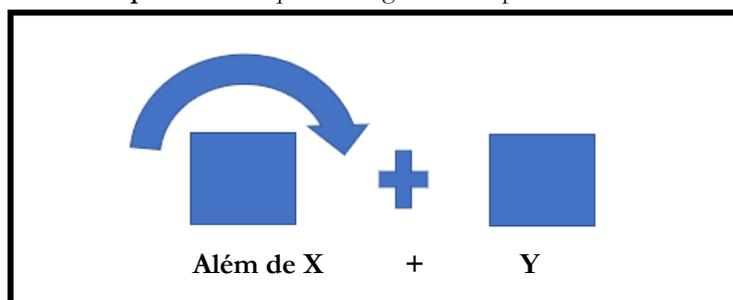
Em (16), *além de* é usado em um enquadre temporal. O sintagma “além dos dois meses” significa mais do que dois meses. Nesse dado, o tempo é conceptualizado como um marco espacial. A preposição “para” em “para além dos dois meses” indica justamente uma direção que visa a extrapolar essa referência temporal.

Por fim, em (17), temos um dado de *além de* dentro da perspectiva de análise deste artigo, visto que está sendo usado em uma semântica de adição. Afinal, “exigir um advogado sem precisar gastar” é uma ação que precisa ser feita juntamente com “pedir esclarecimentos a profissionais que trabalham utilizando a internet”.

Por fim, vale destacar que as semânticas mais concretas detectadas de (13) a (16), de certa forma, são mapeadas metaforicamente nos usos mais abstratos de *além de*, em sua função conectora. Justamente por veicular uma adição impura, nos termos de Lenker (2010), *além de* adjuge as ideias de ultrapassamento de um marco à ideia de adição. Aliás, a adição veiculada por *além de* consiste justamente em somar uma unidade A a uma unidade B, sendo que essa unidade B tem a especificidade de ser “ultrapassada”, o que iconicamente desencadeia essa ideia de acréscimo.

O conector *além de*, sem dúvida, diverge do esquema prototípico das construções paratáticas, pois não permite uma relação de coigualdade entre os elementos ligados. Ao contrário, cria um “desnível” em relação a outro elemento a que se liga, o que é uma marca dos processos hipotáticos. Em termos imagéticos, poderíamos esquematizar a relação de adição implementada por *além de* da seguinte forma:

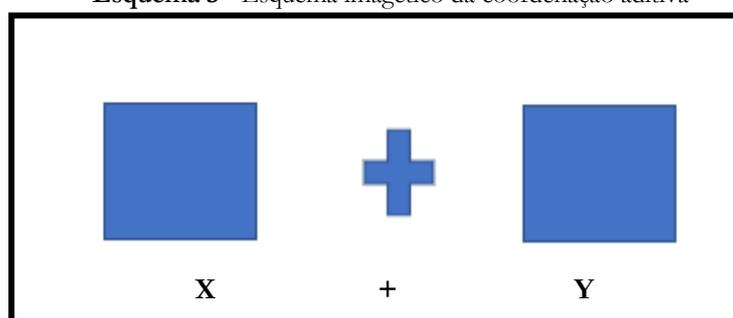
**Esquema 2** - Esquema imagético da hipotaxe aditiva



Fonte: Autoria própria

Por meio desse esquema 1, fica claro que, na hipotaxe aditiva, não há relação de igualdade entre os elementos ligados. Ao contrário, o uso de *além de* sempre provocará um “desnível”, que é bastante típico da hipotaxe. Esse desnível, por sua vez, será provocado pela ideia de “ultrapassamento” metaforicamente mapeado em *além de* que, em seu sentido mais concreto, significa “mais adiante”, “mais à frente”, “para lá”. Essas noções específicas concernentes a *além de* contrastam com o esquema imagético típico da coordenação aditiva, como vemos a seguir:

**Esquema 3** - Esquema imagético da coordenação aditiva



Fonte: Autoria própria

É bem verdade que uma simetria perfeita não é algo comumente detectado nem mesmo nas coordenações aditivas puras, que tendem à assimetria. Por outro lado, há uma certa unanimidade entre os autores com relação ao valor de maior coigualdade entre elementos coordenados do que entre elementos ligados por outros processos de integração oracional.

## 6 Considerações finais

A hipotaxe oracional aditiva de extensão, sem dúvida, ainda é um grande campo de investigação aberto aos pesquisadores. Neste artigo, foi possível traçar um panorama geral do seu funcionamento e de algumas de suas propriedades formais e funcionais.

Pela análise empreendida, comprovamos que *além de* integra um grupo de construções bastante heterogêneo. Por um lado, provamos que *além de* pode ser utilizado em construções de base espacial mais concreta, construções de base espacial mais abstrata, passando por tempo e chegando a uma função conectora. De outro lado, *além de* pode ser usado em construções não oracionais e também em construções oracionais, tanto em estruturas hipotáticas quanto correlatas.

Nesse sentido, atestamos que *além de* integra uma rede de construções bastante complexa, o que deriva de suas próprias projeções metafóricas, flagradas em camadas no estágio atual da língua portuguesa. Seus usos são produtivos e, sem dúvida, carecem de uma investigação mais aprofundada, o que constitui a agenda de trabalho futura dos autores deste texto.

Um ponto que merece maior detalhamento em estudos posteriores é a posição (anteposição, posposição e intercalação) da oração instanciada por *além*

*de*, bem como a própria natureza dos seus *types* e a sequência tipológica em que ocorre. A posição desse tipo de oração pode desencadear diferentes interpretações semânticas, como aventamos neste texto e como sabemos que é comum no caso da hipotaxe (DECAT, 2001).

Outra questão igualmente importante diz respeito às correlatas aditivas instanciadas por *além de*, que é um ponto bastante original do trabalho e que igualmente demanda uma investigação mais aprofundada. Há um número cada vez maior de pesquisas no âmbito da coordenação e também da correlação aditiva (com orações do tipo *não só...mas também*), mas nada ainda com relação a *além de* em construções correlatas. Essa constatação comprova como a adição, de fato, é um campo amplo e também pouco explorado, o que reforça nossa tese central.

Por ora, defendemos que os usos de *além de* são diversos e se distinguem da coordenação aditiva canônica. Igualmente importante é o fato de a adição não ser relacionada sempre, de modo inexorável, à coordenação. Afinal, a adição se espraia por outros processos e matizes, encontrando na hipotaxe de extensão uma semântica adjungida de “ultrapassamento”.

É importante também que esta pesquisa se traduza em aplicações didáticas, para que o ensino de língua portuguesa na educação básica seja mais consentâneo com a realidade linguística brasileira. Assim, professores e alunos poderão ter acesso à descrição e à análise de um inventário mais real de conectores e de processos de conexão de orações em língua portuguesa.

Em síntese, ainda há uma longa agenda de pesquisa a ser implementada. Por ora, atestamos que o inventário dos conectores em língua portuguesa, de fato, é bastante amplo e complexo. Da mesma forma é o domínio da adição, que se apresenta na realidade dos dados de forma bastante matizada, com contornos diversos, desde uma adição pura simétrica (algumas vezes efetuada pela prototípica conjunção coordenativa aditiva *e*) até semânticas mais complexas como a atestada em *além de* e em outras estratégias linguísticas em curso no português.

**AGRADECIMENTOS:** O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ.

## REFERÊNCIAS

AZEREDO, J. C. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Publifolha, 2018.

BECHARA, E. **Gramática Escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

BYBEE, J. **Language, usage and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CASTILHO, A. T. **Nova gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CROFT, W. Toward a social cognitive linguistics. In: EVANS, V.; POURCEL, S. (Org.). **New directions in cognitive linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 2009.

DECAT, M. B. N. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: \_\_\_\_\_ et al. (Org.) **Aspectos da Gramática do Português: uma abordagem funcionalista**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Org.) **Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta**. Rio de Janeiro: Mauad-Faperj, 2013.

GOLDBERG, A. **Constructions: a construction approach to argument structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

\_\_\_\_\_. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. Great Britain: Hodder Arnold, 2004.

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. C. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

LANGACKER, R. W. Complex Sentences. In: \_\_\_\_\_. **Cognitive grammar: a basic introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LENKER, U. **Argument and rhetoric adverbial connectors in the history of English**. Berlin/New York: Walter de Gruyter, 2010.

MONTOLIO, E. **Conectores de la lengua escrita**. Barcelona: Editorial Planeta, 2001.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

OLIVEIRA, Taísa Peres. A hipotaxe de adição. **Revista do GEL**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 25-45, 2012. Disponível em <https://revistadogel.emnuvens.com.br/rg/article/view/2>.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

ROSÁRIO, I. C. Construções aditivas - uma análise funcional. In: OLIVEIRA, M. R.; \_\_\_\_\_. (Org.) **Pesquisa em linguística funcional: convergências e divergências**. Niterói - RJ: Leo Christiano Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. **Construções correlatas aditivas em perspectiva funcional**. Niterói, RJ: Editora EDUFF, 2018a.

\_\_\_\_\_. Construções correlatas aditivas são estruturas de coordenação? In: FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. (Org.) **Variação e mudança em perspectiva construcional**. 1ª ed. Natal - RN: EDUFRN, 2018b, v. 1, p. 210-250. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/25293>

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre o critério da (in)dependência no âmbito da integração de orações. **Linguas & Letras** (Online), v. 17, p. 252-272, 2016. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/12744/>.

\_\_\_\_\_; OLIVEIRA, M. R. Funcionalismo e Abordagem Construcional da Gramática. **Alfa**, São Paulo, 60 (2): 233-259, 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>.

TEIXEIRA, A. C. M.; ROSÁRIO, I. C. O estatuto da microconstrucionalização no quadro da mudança linguística. **Revista Linguística**, v. especial, p. 139-151, 2016. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/5444/4036>.

TOMASELLO, M. **The new psychology of language**. New York, L. Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, E. C; TROUSDALE, G. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford, Oxford University Press, 2013.

*Recebido em 5 de janeiro de 2020.  
Aprovado em 22 de fevereiro de 2020.  
Publicado em 30 de abril de 2020.*

## **SOBRE OS AUTORES**

**Ivo da Costa do Rosário** é mestre e doutor em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa) pela UFRJ e mestre e doutor em Letras (Estudos Linguísticos) pela UFF. Atualmente é professor dos cursos de graduação e pós-graduação em Letras da UFF. É membro permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da UFF. É líder do CCO (Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações), membro do D & G (Grupo de Estudos Discurso & Gramática), coordenador do GT Descrição do Português da ANPOLL e Jovem Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1315-6787>

E-mail: [rosario.ivo3@gmail.com](mailto:rosario.ivo3@gmail.com)

**Milena Silva dos Santos** é graduanda em Letras/Literaturas pela Universidade Federal Fluminense - UFF. Atualmente é bolsista de Iniciação de Científica, pelo CNPq, e integrante do grupo de pesquisa Conectivos e Conexão de orações (CCO).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2587-7645>

E-mail: [milenasilva@id.uff.br](mailto:milenasilva@id.uff.br)